

## QUESTÕES DE VIDA – 15

### “DIZ-ME COM QUEM ANDAS...”

Como gosto muito de música (e também de cantar), a rádio, quer em casa quer em viagem, foi sempre a minha companhia. Ora, quem, como eu, viveu a Revolução e os tempos que imediatamente se lhe seguiram, recorda-se perfeitamente de que a cor política e até partidária predominante, nos meios de comunicação social, era a mesma em quase todos. O gosto pela música e a vontade de estar permanentemente bem informado do que se passava no nosso país, fizeram que eu desse comigo, muitas vezes, a trautear canções de cariz marcadamente político ou partidário, nada de harmonia com as minhas convicções. Inconscientemente e sem querer, acabava por, para mim e para os que me ouviam, fazer uma coisa que eu próprio não queria nem gostava de fazer ou até detestava. Expunha-me como campo de uma sementeira mas recusava os frutos da semente em mim semeada. Na prática, e em resumo, eu era aqueles com quem andava. Curioso, sem querer.

“Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és.” Quer dizer que nós somos aquilo ou aquele que acompanhamos. A nossa identidade é definida por aquele ou aqueles com quem andamos. A nossa maneira de ser e estar, de falar e agir, está marcada, para o bem e para o mal, para o melhor e para o pior, por aqueles que escolhemos para companhia. Nem que seja uma rádio...

E tudo isto porquê? Primeiro, porque como seres sociáveis que somos, estamos todos constantemente a influenciar e a ser influenciados; segundo, porque quem mais nos influencia é quem mais nos acompanha.

A partir daqui, podemos dizer que não andamos só com pessoas. Podemos andar com alguém ou alguma coisa que física, afectiva, psicológica ou espiritualmente nos afecta. E assim, eu sou a pessoa que acompanho habitualmente, aquela que trago no coração e de quem, livre e responsabilmente, me tornei dependente. Eu sou o que escolhi para companhia. Do acto de conhecer passo ao de amar, deste às palavras e das palavras às acções. É isto que nos define e que depende de quem nos fazemos acompanhar.

O que “vemos, ouvimos e lemos” gera em nós os pensamentos e os desejos, as palavras e as atitudes, as acções e os comportamentos, e tudo isto é aquilo que sempre nos acompanha, nos identifica e de nós transparece.

Sabemos o que queremos ser, mas desperdiçamos os meios de que dispomos para o conseguir; sabemos o que não queremos, mas, por comodidade, interesse ou egoísmo, deixamo-nos acompanhar por alguém com quem não nos queremos identificar. E assim, acabamos por ser o que não queremos.

E se somos o que não queremos ser quem é que nos vai acreditar?

Pe António Belo